

Entrevista| IVALDINETE De ARAÚJO DELMIRO GÉMES: entre histórias e memórias

(Doutora em Ciências Sociais-UFRN)

Francisca Jeannié Gomes Carneiro¹
Maria Eline Medeiros de Almeida²

A entrevista aconteceu no dia 01 de Dezembro de 2015 na residência da Prof^a: Dra. **IVALDINETE DELMIRO GEMES**. Val como é carinhosamente chamada, nos acomodou em sua casa e com sua agradável presença, entre afetos e memória nos falou sobre momentos de sua história de vida pessoal e acadêmica. Esperamos que todos tenham uma afetuosa leitura.

R. E. I. A- *Para início, gostaríamos de saber um pouco de você. Quem é Ivaldinete de Araújo Delmiro Gémes?*

IVALDINETE DELMIRO GEMES - Eu sou paraibana, nasci em Campina Grande, sou a penúltima filha de uma família de 10 irmãos. Nesta minha família seis irmãos ficaram vivos e quatro irmãos morreram. Meu pai era comerciante, muito pobre, vendia na feira, minha mãe era dona de casa. Tivemos uma vida interna no lar, cheia de amor e de carências econômicas. Tinha falta de dinheiro, de comida. Fiz minha vida acadêmica e pessoal durante 30 anos lá em Campina. Eu fiz a graduação na Universidade Federal da Paraíba, primeiro fiz o curso de Bacharelado em Ciências Sociais de 1985 a 1990 e depois cursei a licenciatura entre 1991 a 1992. Naquela época, como eu era membro das (CEBs) Comunidades Eclesiais de Base, eu já era engajada nos movimentos sociais que tinha lá na minha cidade, como: o movimento negro, o movimento de Mulheres, Movimento Estudantil. Nesse período histórico (1985 a 1992) eu tinha uma militância orgânica bem forte na cidade, porque era um período de mudança e transformações sociais no Brasil, justamente o período que houve a abertura política. Com o fim da ditadura militar, acabou-se a sociedade da ditadura, começava a chamada redemocratização do país, e nós saímos para as ruas em busca de uma sociedade mais justa e mais organizada. Como eu era membro das Comunidades Eclesiais de Base da Diocese de Campina Grande, estudante universitária e militante, eu

¹ Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Vale do Acaraú e Mestranda em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPE.

² Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA.

queria mais liberdade e justiça social. Nós reivindicávamos os espaços políticos para a mulher, para o negro, para os pobres e também a reforma agrária.

Enquanto eu estava na faculdade, fui membra do (CA) Centro Acadêmico do meu curso, e compartilhei com outras pessoas diversos trabalhos sobre formação sindical e política. Eu era apenas uma estudante pobre da periferia da cidade, que estava engajada em tudo o quanto era de movimento social. Eu assistia e participava de curso de formação sindical em um Sindicato local (SINTAB). Nesses cursos se abordava sobre as questões de gênero. Pois, naquela época, nós nem chamávamos questão de gênero, mas de movimentos de mulheres. Do movimento social pelos direitos das trabalhadoras rurais e urbanas, de como as mulheres voltavam ao mundo do trabalho, de suas lutas por melhores condições salariais, por mais creches para os filhos e por uma sociedade menos machista.

Esse trabalho eu fazia juntamente com minhas colegas de graduação e as colegas oriundas da Igreja católica, precisamente das CEBs, pois as Comunidades Eclesiais de Base que tinham/tem uma proposta política e teológica e que tinha como base a Teologia da Libertação, com objetivos bem definidos. As CEBs visavam uma sociedade mais humanitária, mais justa, mais igualitária e voltada para as camadas sociais menos favorecidas. Eu diria que era o espaço eclesial, político e social com a cara do povo. Minha história nasce neste contexto, sou filha das CEBs, fui formada neste espaço social, eu venho desse campo de atuação, dessa vivência desses espaços sociais.

Então essa foi minha história e trajetória até chegar em Sobral, porque eu lembro que antes disso quando terminei as graduações, eu passei no mestrado em Ciências Sociais, na Universidade Federal da Paraíba, onde eu fui pesquisar as Comunidades Eclesiais de Bases, no âmbito mais científico porque na graduação eu fiz uma monografia simples, mas no curso de Mestrado eu já tive um orientador que tinha uma visão mais abrangente das temáticas científicas que era o doutor Alder Júlio Ferreira Calado que me incentivou a fazer uma Tese sobre o tema das CEBs. Daí ele e a Regina Novais me colocaram nesse caminho da visão crítica e acadêmica de mundo e não aquela visão apaixonada de graduanda, porque quando a gente está cursando a graduação, nós acreditamos que nossas verdades são as únicas, quando chega no mestrado a gente tem uma visão mais acadêmica.

R. E. I. A- *E sua relação com a Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA? Como foi chegar a Sobral? Você participa da fundação do curso de Ciências Sociais?*

I.D. G. - Em 1996 quando eu estava esperando a Regina Novaes para compor a minha Banca de Defesa de Dissertação (mestrado) conheci um professor daqui da universidade UVA- Universidade Estadual Vale do Acaraú, que estava fazendo mestrado lá em João Pessoa na UFPB – Universidade Federal da Paraíba. Este professor era o José Osmar Fonteles, ele falou-nos da universidade Vale do Acaraú que tinha abertura e vagas para novos professores. E como nós estávamos terminando o mestrado, eu e minha colega Sandra e ficamos na expectativa se nós viríamos para cá ou se nós iríamos para outras universidades. Na mesma época surgiu também o convite para eu ir ensinar na Universidade Estadual da Paraíba-UEPB como professora convidada, aí eu pensei: a universidade que chamar primeiro eu vou. Então o convite para a UVA veio em meados de 1996. Quando eu estava concluindo meu mestrado, conheci o professor Osmar ele falou dessa proposta que aqui no Ceará tinha vaga para docente, não como Professor do quadro efetivo, (a universidade tinha e ainda tem essa dificuldade de vagas para cargos de professores efetivos), mas uma vaga como professora convidada, bolsista.

Então eu me desloquei de Campina Grande e cheguei aqui em Sobral no dia 03 de janeiro de 1997. Chegando aqui eu comecei juntamente com um grupo de jovens professores que já estava aqui na UVA a formar o Projeto de Construção do Curso de Ciências Sociais da UVA. No ano de 1997, eu ministrei aulas para o curso de História e para os alunos do curso de Administração. As disciplinas eram: Sociologia do Trabalho, Introdução a Sociologia e Antropologia Cultural. No final de 1997 para 1998, nós formamos a grade curricular do curso, elaboramos o projeto político Pedagógico do Curso de Ciências Sociais, divulgamos nas emissoras de rádio, nos movimentos sociais e em 1998 nós fundamos o curso. Nesse processo de construção do curso de Ciências Sociais, eu fui convidada para ser a primeira coordenadora, fiquei neste cargo o período de três até seis meses. Depois a coordenação do Curso ficou na responsabilidade de outra professora que chegou à UVA. Eu estou até hoje como docente e pesquisadora, colaborando na formação dos cientistas sociais na zona norte do estado do Ceará.

R. E. I. A- *Você já comentou um pouco sobre gênero, mas aqui em Sobral, como foi essa sua experiência como mulher e militante feminista?*

I. D. G. - Essa questão de gênero é bem velha na minha vida. Eu não diria nem a questão de gênero, mas do próprio movimento feminista. Hoje estou com 49 anos e vivi em torno de 30 anos de luta pelas questões de gênero ou pela questão da

luta das mulheres de Campina Grande e outras cidades da Paraíba, no Ceará, Brasília e na Europa. Já na década de 1980, nós já fazíamos parte da luta no nível de Formação sindical, formação de gênero, dos direitos das mulheres, no movimento feminista, na luta diária das companheiras do movimento do sindicato dos trabalhadores lá no centro urbano de Campina Grande, junto com outras companheiras nós lutávamos contra a violência doméstica e reivindicamos as primeiras delegacias de mulheres, lutamos pela legalização e descriminalização do aborto, pela igualdade e equidade de gênero no trabalho. Aqui em Sobral só veio a fortalecer, mas essa discussão aqui ficou no nível teórico.

Quando eu cheguei aqui, algumas companheiras viviam ainda em discussões que eu achava, sem nenhuma modesta, muito atrasada, tudo era muito em nível de teoria. Não tinha movimentos de mulheres, o único movimento de mulheres que conheci foi em 1998 num Assentamento Rural, onde companheiras se organizaram em torno da luta pela terra e essas mulheres conquistaram direito à terra. Eu estive lá com elas, fui convidada para dar palestras. Foi também minha primeira orientação de trabalho no nível de gênero³. Essa foi a visão mais prática que eu vivi aqui em Sobral-Ceará, no restante eu não me envolvi porque a nível de movimentos sociais, eu não via. Também fui convidada pela Diocese de Sobral para dar uma formação da Intereclesial local que era para preparar o evento maior que ia acontecer no Maranhão, juntamente com os padres: João Batista, Mesquita e Padre Albani.

Nessa formação da CEBs eu já fazia uma discursão sobre essa questão do feminismo e de gênero. Mas o que envolve o gênero na minha vida é esse percurso da Paraíba que foi muito mais prático do que teórico. Aqui no estado do Ceará, eu fiquei nas leituras de obras de autores que eu já conhecia pessoalmente, de estar próximo com minha forma de pensar o mundo, como: Margareth Rago, Saffioti, Elizabeth Lobo, a companheira Maria da Penha, Margarida Maria Alves. Esse pessoal que antes eu conhecia na época de militância política. Depois eu comecei a debruçar-me sobre as leituras específicas de gênero e mudei de minha temática de mestrado, pois eu passei da Sociologia da Religião para estudar a Antropologia das Relações de Gênero. Porque na década de 1980, não se falava de estudos de gênero, os autores e autoras falavam-se de

³ ALEXNADRE, Francisca Elzenita. Em mulher não se bate nem com uma flor: estudo sobre a participação das mulheres durante a repressão policial na ocupação de terra do Assentamento Conquista do Morgado (1989-1990); 2004.

estudos feministas, estudos sobre a mulher. Eu venho para cá com essa visão de mundo e na década de 1990, muda-se a história, muda-se a nossa compreensão dessa história e foi quando eu fiz essa ligação entre minha vida de intelectual orgânica com minha vida teórica e comecei a me debruçar sobre esses estudos e mais tarde fiz um trabalho sobre as mulheres trabalhadoras de uma fábrica de calçados.

R. E. I. A- *Em sua tese de doutorado, você trabalhou com mulheres operárias que trabalhavam em uma fábrica de calçados em Sobral, o que motivou essa escolha?*

I. D. G. - O movimento feminista desde a década de 1960 vem reivindicando sempre o papel da mulher no mercado de trabalho e esse discurso foi muito interessante na Europa e mais tarde no Brasil porque nós percebemos que os homens fazem as mesmas tarefas, serviços ou funções, eles têm os mesmos processos educativos e produtivos, as vezes ocupa o mesmo cargo dentro da empresa (pública ou privada) e a mulher sempre ganha menos ou é mal vista. Tem o assédio moral e sexual, a falta de creches para as crianças e a mulher fica nessa angústia no mundo do trabalho (público) e no privado. Eu me preocupava não com essa questão de ver o que essas mulheres trabalhadoras estavam fazendo, se tinham reivindicados seus direitos, se tinham conseguido chegar num patamar em nível de equidade de gênero dentro do mundo do trabalho, mas minha preocupação era nova. A luz de uma socióloga inglesa Rebeca Abrams, comecei a perceber que além dessa questão do mundo do trabalho, do mundo da política, do empoderamento das mulheres que não existia, havia uma questão crucial que era a falta de lazer. O mundo feminino castiga a mulher no trabalho. Ela trabalha em casa, tem a dupla, tripla jornada, cuida do filho, do marido, do trabalho e não cuida de si. Então minha tese versa por essa discussão: o tempo feminino. Como é construído o mundo esse tempo feminino? Como é que mulheres de determinada fábrica organiza seu tempo livre?

Eu trabalhei com um mundo do trabalho, mas permeava minha problemática, minha hipótese de tese era que o tempo livre feminino ele era ou é prejudicado devido a própria desconstrução que ainda hoje tem nessa noção do trabalho doméstico. O trabalho doméstico ele nunca é masculinizado, é um trabalho que as mulheres estão no centro. Na minha hipótese eu digo: enquanto não houver divisão do trabalho doméstico, na casa, no privado, a mulher vai ser sempre sobrecarregada, ou seja, ela não tem tempo para seu lazer, para cuidar de si, ela está sempre cuidando do outro. Eu fiquei pensando

como essas mulheres elaboravam esse tempo livre e cheguei à conclusão que esse tempo livre é quase inexistente.

As estratégias delas é burlar o tempo de trabalho, às vezes, até a quadrupla jornada, como é o caso da fábrica e vão fazer um piquenique, um passeio na casa da mãe, da sogra, vão à praia. No momento em que constroem seu lazer, seu tempo livre, também se dedicam ao trabalho, ao cuidado com o outro até mesmo no seu tempo de lazer. Mesmo o tempo livre é sacrificado, elas não entendem esse tempo livre. Elas carregam uma culpa “Pandoriana” que está em si e não podem brincar. Brincadeira é coisa de criança, de homem e ficou uma ação masculina. A mulher se culpa por tudo que faz ou deixa de fazer. O que é o tempo livre da mulher é cuidar do tempo livre do outro. Eu chego à conclusão que nós mulheres em algumas análises, com um recorte de classe social, não temos lazer. Não estou falando da mulher intelectual, da estudante universitária, que vai para congresso e tem uma babá para deixar os filhos. Falo da mulher pobre que ganha um salário mínimo, que não tem acesso a bens de serviço.

R. E. I. A- *Como surge o grupo de Estudos e Pesquisa Interdisciplinar Saúde, Gênero e Sexualidade (GEPISS/GÊNERO) e quais as contribuições dos estudos que são desenvolvidos pelo grupo?*

I. D. G. - O surgimento do grupo deu-se pelos próprios alunos da universidade que me pediram. Eu estava sempre conversando com os alunos sobre questões de respeito ao outro, as alteridades femininas, das diversidades sexuais, respeito ao negro, ao deficiente. E nesse processo de 18 anos aqui em Sobral eu estive dando aula na Escola de Saúde da Família e também palestras, nas escolas, na fábrica de cimento. O grupo nasce dessa prática de militante, sempre envolvida na sociedade sobralense, assumindo esse papel de intelectual que parte da minha vida cotidiana de mulher, negra, de trabalhar em prol da construção de um mundo melhor que eu aprendi desde a década de 80, lá na CEBES. Devo muito a essa visão, mesmo não sendo católica hoje, dos movimentos sociais e interpretação do mundo. Como diz Gramsci da compreensão da hegemonia histórica a partir de uma instituição forte na sociedade civil que era a igreja católica que funcionou como um canal de comunicação com outros movimentos sociais.

Quando eu chego aqui em Sobral eu continuo fazendo essa militância orgânica, trabalhando em todos os setores que me chamavam para falar sobre: educação e gênero, lazer e gênero, negritude, sexualidade. Em uma dessas palestras, fui incentivada no

grupo de saúde de jovens que participavam do VER-SUS⁴ para formarmos o grupo GEPISS/ GÊNERO. Os cursos são de enfermagem, História, Ciências Sociais, Filosofia, Psicologia, de duas universidades públicas e faculdade privada. Não é um grupo grande, tem em torno de 12 pessoas e que se renova. A proposta desde a criação, era não só apenas discutirmos, lermos e estudarmos questões sobre gênero e saúde, sexualidade, mas colocar isso como uma intervenção dentro da sociedade, sair para as escolas, ambientes sociais, através de trabalhos (apresentações em congressos, artigos, monografias, etc.), palestras, isso é muito bom porque os membros desenvolvem teoria e prática. Os encontros acontecem quinzenalmente, onde apreendemos com ou autores, mas também internamente com o grupo para desenvolvermos de forma prática como pesquisadores e como militantes para outros setores da sociedade, principalmente nas escolas. É trazer essas discussões de gênero para o cotidiano para que essas discussões não fiquem só no papel, o que importa para o grupo é levar para outros setores o que aprendemos na universidade.

R. E. I. A- *Gostaríamos que você falasse um pouco de sua pesquisa, “Gênero e Lazer: sobre masculinidades em uma torcida de futebol de Sobral”. Como foi entrar nesse campo, onde as diferenças de gênero demarcam esse espaço que é socialmente construído?*

I. D. G. - Esse olhar sobre o universo da masculinidade é um estudo não tão recente. O que fiz é bem recente. Porém, a professora Berenice Bento vem há mais de 10 anos pesquisando sobre essas construções de masculinidade, sobre os femininos, o que é ser mulher, ser homem, a construção da materialidade do indivíduo dentro do espaço socialmente construído. Minha pesquisa foi demarcada por esse olhar que eu tinha hipotético, a partir da minha experiência de mulher que gosta de futebol, minha experiência de vida. Desde criança meu pai dizia: “mulher não é para entrar em jogo de futebol”. Eu achava o futebol uma coisa interessante ainda hoje eu gosto muito e sempre tive essa inveja dentro de mim: porque os homens podem ter tanto lazer e as mulheres ficam com medo de brincar? A gente fica se culpando que não pode sair para deixar os filhos em casa, não pode ir para um congresso porque não tem com quem deixar as

⁴ O VER-SUS é um projeto de Vivências e Estágios no do Sistema Único de Saúde oferecido pelo Ministério da, em parceria com a Rede Unida, com a Rede Governo Colaborativo em Saúde/UFRGS, com a UNE, com o CONASS e com o CONASEMS, cuja proposta é de realizar estágios de vivência no SUS para que os participantes possam ter a oportunidade de vivenciar e debater acerca da realidade do SUS. Disponível em: <http://www.otics.org/estacoes-de-observacao/versus/versus/apresentacao>. Acesso em: 15/03/2016.

crianças, não pode fazer faculdade porque tem que trabalhar. Eu ficava sempre com um olhar de inveja desse olhar masculino.

Dessas idas e vindas do meu lazer cotidiano eu observava que os homens eram a maioria no estádio de futebol que é um espaço demarcado por uma ralação de gênero e eu queria ver como estudiosa, como os homens constroem seu lazer, quais as performances de gênero a partir do lazer. Porque lá na minha tese eu coloco que o lazer da mulher é oculto, lento, que está se construindo no dia a dia com muita força, com muita dor e na minha percepção e na minha pesquisa de campo com os torcedores do Guarani de Sobral, aqueles homens que vão ao jogo gritar, brincar, torcer pelo seu time, eu via que era um lazer claro, aberto, com uma visibilidade incrível. Então, o que demarca para mim esse estudo de gênero é que em determinados momentos da vida social, determinados momentos do cotidiano, fica bem explícito como é construído essas identidades, performances de gênero.

O homem pode ir para o estádio, tomar sua cerveja, torcer pelo seu time, chamar palavrão e não se culpa de nada. No trabalho eu coloco: alguns levam filhos, mas geralmente, ele assiste ao jogo só, não levam as esposas, nem namoradas. Porque eles falam assim para mim: “aqui não é lugar de mulher, não trago minha namorada pra cá que aqui não é espaço feminino”. Então eu queria entender como é que o espaço considerado ainda historicamente no Brasil, talvez em outras cidades não seja assim, mas estou falando da cultura nordestina, sociedade onde eu convivo, onde eu viajo e percebo: o estádio de futebol ele ainda é iminentemente masculino, o linguajar do futebol é iminentemente masculino.

Foi fácil me inserir nesse ambiente porque faz mais de 30 anos que eu frequento os estádios de futebol, que eu gosto de futebol e eu aprendi os códigos de linguagem do futebol e essa reciprocidade foi rápida entre eu e os torcedores porque eles não me viam como uma pesquisadora, professora universitária, eles me viam como a professora torcedora. Então eu busquei compreender que o lazer masculino é mais claro, por isso que eu chamo essa visibilidade do lazer, essa performance de gênero, se dá através de uma visibilidade de um lazer. A função do masculino ali no campo de futebol não é somente de assistir ao jogo, mas eles estão demarcando um território, um espaço de gênero. Eu observei que todos aqueles trejeitos, aquelas narrativas, aquelas gírias, os comportamentos corporais, as alegrias, estão permeados, de forma muito forte, por um discurso da construção de um ser homem e a construção de um ser mulher. O que é

permitindo para homem, o que é permitido para mulher e minha pesquisa sobre essa temática se deu por isso.

Outro dia eu perguntando para um colega/torcedor sobre o resultado do Jogo do nosso Time, ele disse: “eu choro de raiva”. Então o nome da pesquisa é “Quando eles choram: um estudo sobre masculinidades em uma torcida de futebol”. O choro é um atributo de gênero e para eles de emoção, sensibilidade atribuída às mulheres. Eu vi esse atributo de gênero quando ele disse assim: “eu só choro de raiva”, eu pensei então que isso era uma boa questão para problematizar sobre a masculinidade e gênero. Como é que um “cabra macho” e nordestino como chama aqui em Sobral, o macho, o maluco (gíria local), fica chorando pelo seu time. Nisso eu fui estudar essas noções, esses comportamentos, códigos de masculinidade através da visibilidade do lazer do homem.

Eu descobri coisas bem interessantes. Através de várias esferas da vida social nós podemos demarcar os atributos do que é ser masculino e o que é ser feminino. Esses atributos não só demarcam o conceito do que é ser homem, ser mulher, dos masculinos, dos femininos, mas como são construídos por essas performances, por esses fazeres. É no lazer, na alimentação, na moda, linguagem, na narrativa, música, em todos os espaços da vida social são marcados por essa visão na maioria das vezes bilateral, permeado na maioria das vezes por aquilo que eu posso ou não fazer.

R. E. I. A- *Você já exerceu por dois anos a função de Presidenta do Conselho Municipal dos Direitos da Mulher de Sobral (CMDMS), como foi essa experiência?*

I. D. G. - A experiência do conselho foi muito boa do ponto de vista de adentrar em alguns espaços de Sobral. Sabemos que toda cidade tem seus espaços que são secretos e o “outro”, o estrangeiro quando chega ele não é permitido adentrar em alguns desses espaços. Desde 2005 que eu estava no Conselho Municipal dos Direitos da Mulher. Eu fui convidada pela Francisca Ribeiro, uma aluna minha, para formar o Conselho com ela e outras pessoas de Sobral, daí nós organizamos os documentos e planejamos como funcionaria esta instituição entre os anos de 2004-2005. Em 2006 eu assumi a vice-presidência, e depois em 2008 eu fui eleita para ocupar o cargo de Presidenta. Nessa experiência de conselheira nós conhecemos muitas pessoas e percorremos vários locais, onde se discute que é importante falar das políticas públicas para as mulheres e dos direitos civis e políticos das companheiras, mas nós não tínhamos em Sobral/CE a base que era os movimentos sociais e populares de mulheres que organizadas fortalecessem e lutassem por pelas políticas públicas.

Essa experiência foi boa porque eu conheci pessoas que estavam envolvidas nas lutas sociais, mas não faziam parte do Conselho Municipal de Mulheres, ao mesmo tempo, acredito que foi bom porque eu percebi que dentro dessa estrutura a sociedade civil e o Estado ainda são separados, nada de Estado Ampliado. Não se tem aquela visão do Estado ampliado como dizia Antônio Gramsci. A visão de sociedade civil hoje é construída do que o povo que faz, em um trabalho formiguinha e o estado que se apropria do produto desse trabalho gratuito, e das relações de poder além de manipular com seus dispositivos de poder todos esses grupos sociais. Os conselhos municipais, no Brasil infelizmente, principalmente em minha experiência aqui em Sobral ainda tem muito essa visão: o estado com a proposta de políticas públicas, a sociedade civil com uma visão de dirigir e orientar e fiscalizar essas políticas públicas de forma dicotômica, separadas.

Os conselhos municipais e estaduais existem, porém não estão atrelados de forma nenhuma a realidade do povo. Ao mesmo tempo, foi uma experiência frustrante porque eu vi que há discurso muito bom, mas uma prática muito distante do que eu acredito que é a prática de todo Conselho Deliberativo ou não, o CMDMS é deliberativo de políticas públicas, tem a função de fiscalizar as políticas públicas para as mulheres. O Conselho (CMDMS) não tem suporte ou base da militância orgânica da sociedade civil, pois não tem grupo de mulheres organizados nos bairros de Sobral, não tem grupo organizado que dê sustentabilidade a esse conselho. Então, fica ao meu ver, como se o Conselho da Mulher fosse apenas uma nomenclatura vazia, de uma visão de política estatal oligárquica, nunca uma representação das categorias femininas, das camadas que o conselho deveria representar e outros demais conselhos que não estão desempenhando a função privilegiada de organização da sociedade quanto as políticas públicas para mulheres e para os demais categorias e setores organizados da sociedade.

A experiência do conselho foi boa porque eu convivi e adentrei em espaços que se eu não fosse conselheira, jamais eu adentraria porque Sobral é uma cidade exclusivista, preconceituosa, racista, profundamente católica, tradicionalista e eu chego aqui de outra cidade com outra visão de mundo, de mulher e de negra e consigo através da minha militância adentrar desde um time de futebol local, até ser convidada para ir para Rotary Clube da sociedade local e claro que eu respondi não.

Ser do conselho gerou muita ciúmeira, porque estou lá, eu Cientista Social e linguaruda, propondo coisa que ia de encontro ao que o pessoal do poder local pensava.

Porém, no mais eu achei interessante porque a gente discutia sobre a questão das políticas públicas e já fazíamos uma quase militância orgânica, um papel de ativista, mas muito lento que era fomentar nos bairros da cidade de Sobral essa discursão de gênero, de políticas para as mulheres, de igualdade na luta feminista, o direito para o trabalho, por creches. Eu estive ali por experiência, porque eu acredito que o mundo muda a partir da nossa experiência, da nossa doação e eu me doe, gostei bastante, mas fiquei com muita tristeza: como eu queria uma luta verdadeira e não aquele faz de conta. Acredito que os conselhos municipais no Brasil, dessa forma institucionalizada que se apresenta, transformaram-se em uma forma do Estado Neoliberal mostrar que está fazendo alguma coisa que não faz. O estado aparece como se tivesse uma relação boa com a sociedade civil, como se fizesse muitas ações ou benefícios para a população ou minorias sociais, no mínimo escutas as demandas dos conselheiros e fica nisso. Os conselhos estão aí para que? Só para dizer que existem.

R. E. I. A- *Em sua vida, sempre esteve presente a academia e a militância. Como você vê essa relação?*

I. D. G. - Fazer ciência com militância é isso: leitura, teoria, mas abrir o universo das práxis, mostrar sua prática para todo mundo. Não adianta você falar de uma sociedade, analisar e compreender as instituições sociais, criar uma corporação, um conselho, um sindicato, um grupo de mulheres ou uma frente feminista, se ficar só entre você e seu mundinho acadêmico ou grupo social, isso não possibilita nenhuma mudança qualitativa. A mudança ocorre a partir de cada sujeito social, começa conosco, nas nossas relações micro, no pequeno grupo de estudos, em sua casa, nas relações afetivas e acontece que você leva toda sua experiência de vida cotidiana para os demais espaços e dimensões da sociedade. A contra hegemonia é exatamente isso, você luta o tempo todo contra a sociedade que lhe oprime, luta contra as relações de poder e de subpoder das instituições sociais. Você sai do micro e extrapola esse micro através de várias experiências de vida. Por exemplo, uma leitura e discursão de um livro que lhe aproxima das causas e expande-se para uma visão de mundo mais prática, onde o vivido é tão importante como o pensado e o narrado. Por isso, eu acho interessante essa questão das mulheres que estão lutando na prática, porque nós ainda na universidade somos uma classe elitista e privilegiada, de maioria branca, com face masculina e cheiro de classe média que vive falando e pesquisando as questões pertinentes sobre mulher, questões de gênero, igualdade racial, igualdade de direitos humanos. Todavia, muita

gente, ou melhor, nós continuamos ainda, muito presas em nossos muros fechados com chave de ouro. A universidade tornou-se uma instituição hegemônica de poder intelectual, mas de transformação ela tem pouca coisa e eu pretendo e acredito que a gente com coragem, ousadia, podemos mudar o mundo saindo desses quatros muros e fazer um mundo melhor a partir da nossa prática do micro.

R. E. I. A- *Você teria mais alguma coisa a acrescentar?*

I. D. G. - Eu acho que falar da biografia da gente, de nossa trajetória econômica, social, moral, sexual é interessante e complexo. Acredito que há pessoa que tem ainda um tabu e um medo de falar de si, porque é mais simples e cômodo falarmos do “outro”. Eu aprendi com a Sociologia das Emoções e com o Psiquiatra da Resiliência (Boris Cyrulnik), que para apreender a entender o outro a gente tem que falar de si. A vida é bela a gente deve viver cada momento como se fosse o último e ser feliz das várias formas que a felicidade pode se apresentar em nossa vida e sem medo de lutar pelo que acredita ou por um mundo melhor.